

Times de handebol de Ceilândia buscam apoio para disputar torneio em Anápolis



Foto 1: Alunos do professor Valdeci

Um obstinado professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, de 54 anos, que daqui a poucos meses alcançará tempo suficiente para a aposentadoria, vive neste março de 2023 à volta com números, uma rotina que impõe a toda hora contas de mais e menos e pedidos de ajuda. Valdeci Moraes Santos tem até o próximo dia 20 para juntar menos que o valor de um salário mínimo a fim de bancar a

inscrição de três equipes que treinam em Ceilândia (DF) na Copa Anápolis de Handebol, competição que a cidade goiana sedia pela décima primeira vez. Ao todo, 35 pessoas, entre atletas de três equipes e integrantes da comissão técnica, vivem, com proximidade do fim do prazo, a mesma ansiedade.

São, no total, R\$ 1.160 necessários para que possam entrar em quadra, entre 6 e 9 de abril, um time juvenil masculino, com rapazes de até 18 anos, e duas equipes cadetes, feminina e masculina, com moças e moços de até 16 anos. “Temos equipes em condições de ganhar”, anuncia o professor e treinador nascido em Taguatinga, ele mesmo um ex-atleta de handebol. Os adolescentes que estão em fase final de preparação são, todos, necessariamente, alunos de um dos oito núcleos que ofertam, no Distrito Federal, o treinamento em handebol a estudantes de escolas públicas – iniciativas semelhantes se distribuem por outros 130 pontos das cidades brasilienses, com diferentes modalidades esportivas.

“Se preciso, vou vender garrafinha d’água no semáforo”, anuncia, numa evidencia de determinação, o goleiro da equipe juvenil João Guilherme Mendes, 17 anos, um estudante de escola do P Norte, bairro de Ceilândia. “Essa é uma oportunidade para seguir fazendo o que eu gosto”, diz o rapaz que aprendeu sobre a importância dos campeonatos para se desenvolver como atleta. Vontade e decisão, nesse caso, andam juntas: o adolescente disposto a expor o corpo a boladas para impedir gols conta que, no ano passado, recebeu convite para um teste em clube de Joinville (SC). “Não fui porque faltou grana e sofri uma contusão.” Hoje, busca oportunidade para conseguir bolsa em universidades particulares e para se credenciar como beneficiário do Programa Bolsa Atleta, iniciativa do governo federal. “Ainda tem muita competição pela frente.”

Memória

O Professor Valdeci, porque integra desde 1999 o Centro de Iniciação Desportiva (CID) do Setor P Sul, também em Ceilândia, tem na memória histórias de viagens com os seus alunos atletas. A primeira, para Cascavel (PR), foi antes mesmo de o seu projeto de iniciação na prática do handebol ganhar credencial e receber apoio da Secretaria da Educação do Distrito Federal. “Em 1998, reuni pais dos alunos da escola onde eu trabalhava para fazer uma vaquinha e consegui três ônibus para o transporte”, diz o pai de dois rapazes, que também foram praticantes e puderam aprender com as suas orientações em quadra. “Como eu era um ex-atleta, aproveitei as janelas na minha grade horária e comecei a ensinar esse esporte na escola onde trabalhava.” E assim começou tudo.

Nos últimos 24 anos, conforme as contas do próprio professor de educação física, mais de 2 mil garotos e garotas participaram da rotina de trabalho de Valdeci, com pelo menos dois treinos semanais, quando o professor reúne as seis equipes, com atletas separados por faixa etária. É rotina, de manhã e à tarde, em uma escola no Setor P Sul e no ginásio da Guariroba, outro bairro de Ceilândia. Entre todos que já ouviram as suas orientações – às vezes na forma de inevitáveis broncas – houve aqueles que alcançaram destaque no esporte. O treinador de handebol cita, orgulhoso, os quinze ex-alunos que se tornaram atletas profissionais, os que três alcançaram a seleção brasileira e contada um que, hoje, joga o esporte profissionalmente, em Portugal – a Europa concentra a nata do esporte no mundo.

Para chegar onde chegaram, os que hoje se tornaram adultos competindo no País e no exterior e servem como exemplo e inspiração, viveram dificuldades parecidas com as que os mais novos enfrentam. E tem sido assim para o aprendizado sobre como fazer o time chegar ao ataque, arremessar a bola contra o gol, armar jogadas e a se organizar na defesa para proteger o goleiro do próprio time. Nos dias de chuva, como o teto metálico do ginásio da Guariroba tem furos em linha, que indicam erro da época da instalação das placas metálicas, o piso da quadra fica molhado e o professor dá o treino com tensão extra, de vez em quando fala mais alto para evitar que os alunos arremessem usando as – escorregadias – áreas protegidas com panos de chão encharcados.

Revezamento

“Nunca foi fácil, o padrão do trabalho por aqui é a dificuldade”, comenta o Professor Valdeci, numa simples constatação, sem que a frase pareça uma lamentação ou uma reclamação. A disposição para a superação, só porque a realidade é como é, está presente inclusive nas famílias dos alunos atletas. A auxiliar de serviços gerais Daniela Costa da Silva, de 34 anos, é mãe de três moças de 11, 12 e 13 anos, um trio que frequenta os treinos de handebol nos ginásios de Ceilândia. Em dias alternados, ela e o marido se revezam porque estão comprometidos com jornadas de trabalho que permitem a dedicação de ao menos um do casal às filhas, durante doze horas. “Como as nossas meninas querem, resolvemos apoiar.”



Foto 2: Professor Valdeci

A decisão dos pais implica presença durante os treinos e nas idas e vindas de ônibus, de Taguatinga para Ceilândia e vice-versa, investimento de tempo e de dinheiro com passagens de ônibus. E tem sustentação numa experiência pessoal. “Acredito que, se eu tivesse me dedicado mais ao esporte, teria estudado mais, mas a minha mãe não podia me acompanhar, trabalhava”, explica Daniela. E o empenho em nome das filhas tem inspiração numa outra história familiar. As garotas que hoje são aprendizes do Professor Valdeci repetem a história da avó paterna e de uma tia, ou seja, são a terceira geração de alunas atletas. “Esse trabalho é uma referência, muito parente já treinou handebol aqui e as meninas tomaram gosto pelo esporte, uma incentiva a outra.”

Valdeci conta, orgulhoso, de trinta campeonatos que conseguiu nos Jogos Escolares do Distrito Federal, competição que reúne alunos de escolas públicas e particulares. Para justificar as vitórias, explica que o segredo é o intercâmbio. “Vou para fora, levo os meus times nas competições em diferentes Estados para ter parâmetro”, explica o professor e treinador, do alto das suas mais de três décadas dentro e fora das quadras de handebol. “Busco

evolução técnica, algo que é possível quando a disputa é com adversários diferentes, por isso me viro, me esforço para levar todo mundo.” A incerteza sobre o futuro é tão presente quanto a determinação. E isso sustenta a crença de que os times de handebol de Ceilândia estarão, sim, no mês que vem, no torneio em Anápolis.

O [Movimento Anjos Corredores](#), de Brasília (DF) que reúne aproximadamente 50 atletas amadores, está empenhado em conseguir doações a fim de bancar as inscrições dos times de handebol de Ceilândia na Copa Anápolis. “Considerando a máxima de que uma pequena ajuda é melhor que muita pena, nossa missão é exaltar a solidariedade, impactar vidas e criar oportunidades”, explica o advogado e servidor público, Eptácio Júnior, que é o responsável pela ideia de apoiar os times de handebol de Ceilândia. “Somos muito mais que amantes de corrida, somos um épico movimento de empatia e solidariedade, na busca incessante da promoção e do resgate da vida, da autoestima e, principalmente, da saúde”, explica o idealizador e coordenador a iniciativa.

Júnior está à frente do recebimento das contribuições através do PIX 61 9 8153-8808 (celular), ele fará o pagamento das inscrições diretamente para a organização do torneio. Também pode dizer aos interessados sobre como ajudar os jogadores de handebol que treinam sob a orientação do Professor Valdeci. No site do grupo, o www.anjoscorredores.com, há orientações para contato e informações sobre a história do Anjos Corredores de Brasília. O coordenador coloca dois telefones à disposição para o esclarecimento de dúvidas e para conseguir adesões a essa e outras iniciativas de apoio ao esporte amador no Distrito Federal: 61 9 8153 8808 e 61 9 9311-9432. “Estamos juntos para estimular a prática de exercícios, como forma de resgatar a saúde física e mental, a autoestima e o convívio social e lançar holofotes sobre assuntos sensíveis que afetam toda sociedade.”